

IDENTIFICAÇÃO E INTENCIONALIDADE: IDENTIFICAÇÃO COM O EU ESPIRITUAL PARA SUPERAR A INTENCIONALIDADE NEGATIVA

Bênçãos e saudações para todos vocês aqui. Que o poder do espírito os anime, viva e se manifeste por meio de vocês. Somente então vocês estarão no mundo real, e a sua vida terá sentido. Cada passo que dão nessa direção gera nova energia. Vocês, meus amigos, que estão efetivamente envolvidos e comprometidos com este trabalho do caminho, e tudo que isso implica, têm descoberto aos poucos o que significa essa energia recém-ativada. Vocês a sentem em medida cada vez maior na vida pessoal em diversas manifestações. Vocês, que verdadeiramente querem descobrir quem são e preparar-se para fazer o sacrifício de abrir mão de antigos padrões destrutivos de pensamento e reação, constataam que o tesouro descoberto em seu íntimo é tão incomparável que torna ridícula a palavra sacrifício. Vocês abrem mão de nada para ter tudo.

Nos últimos meses, os esforços de cada um, e também do grupo como um todo, geraram uma poderosa nova energia. Vocês colocaram em movimento algo que é realmente maior que a vida humana que conhecem. Isso se tornou visível para quem quiser ver e perceber. Seria preciso ser deliberadamente cego para não perceber o notável progresso de vocês, o novo movimento de sua vida interior e exterior, a renovação de sentimentos e profundidade da nova experiência. Todos têm uma consciência muito mais aguçada de si mesmos, e conseqüentemente sua vida começa a se abrir mais e mais. Da mesma forma, esse novo influxo sem dúvida é visível na vida do grupo: na dinâmica e nas experiências de sentimentos, na honestidade de sentimentos e no relacionamento mais estreito entre vocês. Além disso, a força espiritual ficou tão grande, como resultado dos seus esforços e progressos, que até o mais cético começa a ver que o ceticismo é, em si mesmo, uma defesa. A esta altura, a validade do Pathwork deixou de ser uma teoria ou uma filosofia. Passou a ser uma realidade e uma experiência que já não podem ser questionadas.

À medida que o desenvolvimento crescente os faz pessoas mais perspicazes e sintonizadas, vocês passam a saber que a realidade do espírito é muito mais real do que as coisas que podem tocar e ver. A energia gerada perpetua a si mesma. Isso também é perceptível na vida pessoal e nos seus empreendimentos em conjunto. É claro que mesmo com o maior progresso vocês ainda precisam lidar com defesas, negatividade, resistência, distorção e sombra que ainda não foram dissolvidas. Portanto, precisam avançar a duras penas no trabalho para alcançar mais força espiritual e eliminar mais e mais aspectos negativos da sua personalidade, mais irrealidade, mais máscaras. Como sempre, para isso é preciso que esses aspectos sejam primeiramente reconhecidos e aceitos, pois este é um pré-requisito indispensável para se livrar deles. É impossível abandonar algo que não sabem que têm ou que expressam.

Mais uma vez, gostaria de encontrar o denominador comum da posição da maioria de vocês neste momento. Nem é preciso dizer que isso se aplica apenas àqueles que verdadeiramente seguem

o caminho de todas as maneiras, com todos os aspectos da ajuda disponível. Fica imediatamente visível que neste exato momento vocês se encontram em um ponto crucial, que vou discutir esta noite. É possível que alguns já tenham dado alguns passos para ultrapassar esse ponto. Outros talvez ainda estejam se esforçando para verificar esse ponto de autoconhecimento, mas vão perceber que estão no limiar. No entanto, a maioria está exatamente no ponto que vou discutir agora.

Esse ponto comum é a consciência da intencionalidade negativa, anteriormente oculta mas agora consciente. Essa consciência existe há muito pouco tempo. Vocês podiam ter aceitado em teoria que também possuem um eu inferior, que têm defeitos e falhas de caráter. Chegaram a encarar muitos deles, e tratar deles com honestidade e espírito construtivo. Mas isso não é a mesma coisa que a intencionalidade negativa, apesar de evidentemente existir uma ligação entre esta e as falhas de caráter, as imagens, as concepções errôneas, os sentimentos destrutivos.

Temos discutido há muitos anos o fato de que aquilo que o homem teme, ele também deseja inconscientemente, e aquilo que ele vivencia, também deseja inconscientemente. Todo este trabalho do caminho se baseia nessa verdade, nessa realidade da vida. Aqui e ali vocês observaram aspectos seus, no decorrer desses anos que comprovam esse fato. Mas foi só recentemente que tantos de vocês passaram a estar de fato cara a cara com essa atitude básica e negativa em relação à vida. Uma atitude que expressa não querer dar, amar, contribuir, buscar, receber, viver bem e proveitosamente. Isso pode soar absurdo para a mente consciente, que nada mais deseja senão toda e qualquer satisfação imaginável. Mas existe esta outra parte da alma, num canto oculto da psique, que diz exatamente o contrário. Ela quer sentir ódio, despeito, retrair-se – mesmo se isso causar sofrimento e privação.

Perceber a existência dessa parte de alma é, naturalmente, de importância suprema. Ela não precisa ser a parte preponderante do eu. De fato, basta que uma parte relativamente pequena da consciência fique presa nessa negação, enquanto uma parte muito maior do eu lute no sentido oposto. No entanto, por “menor” que seja em comparação com os aspectos liberados e positivos do eu, ela detém um poder magnético sobre a vida da pessoa, em virtude de não ser reconhecida, em função da falta de consciência que existe em relação a ela.

Quando vem à tona a total percepção dessa intencionalidade negativa, vocês começam a perceber o domínio que essa atitude devastadora tem sobre vocês. Apesar de saberem o quanto ela é destrutiva, o quanto é insensata, vocês ainda acham que não são “capazes” – isto é, não querem abandonar essa atitude. É preciso fazer um grande esforço de superação da resistência para poderem aceitar essa percepção, a princípio espantosa, sobre a sua vida. Aliás, grande parte da resistência existente em vocês e seus companheiros baseia-se exatamente em não querer ver dentro de si a existência de tanta destruição sem sentido e negação.

Mas quando finalmente enxergam, é uma bênção. Vocês podem, então, lidar com essa negação da vida. É claro que já fizeram isso, em grau considerável. Há muitas “razões” para a negatividade, se podemos usar esse termo, das quais vocês já estão bem conscientes. No entanto, vocês ainda não conseguem ir além desse ponto. O simples fato de saberem que são vocês que querem o isolamento, a solidão, a falta de amor, o ódio, o despeito e que isso não se deve a um destino que inocentemente lhes aconteceu, representa uma importante chave para construir o próximo elo na cadeia de avanço e evolução.

A esta altura do nosso trabalho em conjunto, seria bom fazer uma nítida distinção entre negatividade e intencionalidade negativa. Negatividade é um termo muito amplo. Também abrange falhas, hostilidade, realidade distorcida, inveja, ódio, medo, orgulho, raiva, etc. Mas quando falamos de intencionalidade negativa, as palavras assumem um significado diferente. É explicitamente a intenção de manter o estado de negar a vida e o eu. A palavra intenção denota que o eu está no controle, que faz uma escolha deliberada, que seu intento é fazer, agir, ser. Mesmo quando admitem suas atitudes mais destrutivas, cruéis e brutais, está sempre implícito que não podem evitar ser do jeito que são. Quando vocês trazem à tona a intencionalidade negativa, já não podem se iludir, dizendo que a negatividade “acontece”. Precisam, mais cedo ou mais tarde, aceitar o fato de que sua vida é o resultado de suas escolhas. E escolha implica a possibilidade de adotar outra atitude. Em outras palavras, vocês de fato descobrem, num nível profundo, que são livres. Mesmo os seus estreitos limites são resultado de uma linha de ação escolhida livremente, que vocês seguem e continuarão a seguir até decidirem mudar de rumo.

Para a mente consciente, tais intenções negativas podem parecer inconcebíveis, mas quem quer que ouça ou leia esta palestra e não tenha tido confirmação desse fato pode ter certeza de que a intencionalidade negativa existe. Lidar com isso extensiva e profundamente exige considerável empenho, esforço, paciência e superação da resistência interna. Não estou falando de um vago sinal de reconhecimento aqui ou ali, e depois o assunto é esquecido. De fato, lidar verdadeiramente com a intencionalidade negativa é uma crise importante na vida de uma pessoa e representa uma transição fundamental. Não é algo que se possa fazer com facilidade.

Vamos examinar agora algumas etapas e avanços fundamentais dessa transição. No começo do caminho, a pessoa não tem nenhuma ideia de suas teimosas intenções negativas. Como eu disse antes, se ela fosse confrontada com essa situação, não iria acreditar, quanto mais sentir e observar sua presença nela mesma. Talvez ela esteja ciente de alguns defeitos e atitudes destrutivas, de alguns comportamentos e sentimentos neuróticos, mas isso nunca é demais enfatizar, não é absolutamente a mesma coisa que a consciência da intencionalidade negativa.

Quando o Pathwork progride bem e a pessoa adquire uma visão cada vez mais profunda e honesta de si mesma, aceita uma parte maior de seus sentimentos bons, e também dos dolorosos. Ela adquire força e objetividade. Ao empenhar-se sempre em encarar a verdade sobre si mesma, ativando assim as mais puras energias espirituais, vezes e vezes em seguida, ela finalmente vem a descobrir sua negação intencional de todas as boas coisas da vida. Ela descobre que, quanto mais frustrada fica por não alcançar o que deseja tão ardentemente, maior é a intenção negativa interior e menor a disposição em lidar com ela. Essa correlação é extremamente importante. O mesmo vale para as dúvidas: quanto mais a pessoa teme que o que deseja não vai se realizar, menor é sua fé na vida e menos consciência ela tem de sua própria vontade negativa.

Que o eu deliberadamente opte pelo caminho da negação, do despeito e do ódio, mesmo pagando o preço de sofrer, é muitíssimo difícil admitir. Mas uma vez admitido, abre-se a porta para a liberdade, até antes de a pessoa estar preparada para passar por essa porta. Mesmo antes de o eu estar pronto para fazer uma nova escolha, a simples possibilidade de escolher outra trilha, outra maneira de abordar a vida e de usar suas energias e recursos traz uma esperança realista – e não uma falsa esperança.

Vocês se agarram tanto a falsas esperanças, meus amigos – tanto! Vocês investem o melhor de si em soluções neuróticas fundamentadas em esperanças irrealizáveis, ou em mera ilusão! Mas existe uma esperança real, realista, realizável – uma esperança que não está destinada a terminar em decepção e desilusão, uma esperança que lentamente, mas com segurança, desabrocha em realidade manifesta e factual: a realização do eu, realização do que há de melhor em vocês, e portanto acesso a tudo o que a vida tem a oferecer. Pensem no que a vida tem a oferecer, em todas as potencialidades! Elas são infinitas e pertencem a vocês, gratuitamente.

No entanto, é preciso deixar claro que, por mais importante que seja, descobrir a existência da intencionalidade negativa não é a mesma coisa que se livrar dela. Vocês que chegaram a esse ponto já constatarem o quanto isso é verdadeiro. É possível reconhecer e admitir totalmente a negatividade, e no entanto não estar totalmente pronto e disposto a se livrar dela. Isso não é necessariamente verdadeiro em relação a todos os reconhecimentos e insights. Às vezes acontece que a percepção de uma atitude destrutiva ou distorcida resulta em sua eliminação automática. Mas nem sempre é assim. Com esse aspecto específico, fica claro no trabalho de quase todos que, apesar de saberem quanto a intencionalidade negativa é sem sentido e destrutiva, mais do que seu reconhecimento, é preciso serem capazes de mudar a mente, a vontade e a intenção.

Já vimos, é claro, muitas das razões e motivos, crenças e concepções errôneas que explicam o porque de ser assim. Trabalhamos muitos deles. Existe o medo do desconhecido, o medo de ser ferido e humilhado, o medo e a recusa em sentir dor – passada e presente. Uma atitude negativa, portanto é uma defesa contra sentimentos reais. A manutenção de uma direção de vontade negativa também se deve à recusa em assumir responsabilidade na vida, de lidar com circunstâncias não ideais. É a insistência interior em “obrigar” os “pais maus” a se tornarem “pais bons”, como se a própria infelicidade fosse uma arma. Essa infelicidade, em seguida, é efetivamente usada como arma. A intencionalidade negativa também é um meio de punir a vida (os maus pais). Todos esses sentimentos, reações e atitudes foram amplamente explorados, comprovados e trabalhados. No entanto, muitos de vocês insistem em mantê-los. Por quê?

Também já estudamos a origem dessa negação. Muitas vezes é o único meio de que uma criança dispõe para preservar sua identidade. Se a resistência interior não for mantida, a personalidade se sente ameaçada: a criança equipara deixar de resistir com renunciar à sua individualidade. A maioria de vocês também reconhece isso, e sabe que é inadequado transportar para o presente uma posição que foi válida um dia, quando ela já deixou de ser válida e é francamente destrutiva.

Pode parecer quase inconcebível, para quem ainda não fez essa descoberta sobre si mesmo, que alguém possa admitir uma atitude francamente sem sentido, improdutiva, que nada faz a não ser acarretar resultados indesejáveis, e insistir em mantê-la.

Por que existe essa recusa aparentemente ilógica, embora vocês saibam que ela só provoca dor em vocês e nos outros, que ela os faz deixarem de viver uma vida plena e alegre, que ela provoca forte culpa e autopunição? É preciso haver uma poderosa razão que evidentemente vai além de qualquer uma das causas mencionadas – por mais que elas sejam verdadeiras. Muitos dos meus amigos estão encalacrados nesse ponto. Precisam de ajuda para ir em frente.

O que realmente os impede de dizer “Não quero odiar, quero amar. Não quero mais me retrair, e sim dar o melhor de mim à vida. Não preciso de meu despeito e desejo de fato me livrar dele.

Quero me expandir, dar à vida e receber igualmente o melhor que a vida tem a oferecer”? Espero que esta palestra os ajude a entender melhor essa resistência.

Para eliminar esse gargalo, é preciso focar a questão da identificação. Com qual parte de si mesmos vocês se identificam? Essa identificação não é algo que o ego consciente escolha. É, muito ao contrário, algo que também precisa ser descoberto pela mente observadora. De que forma vocês se identificam com qual parte do seu ser?

Por exemplo, se vocês se identificam exclusivamente com o ego – a parte consciente, volitiva, atuante da pessoa – é impossível ocasionar uma mudança que está fora do alcance do ego. A mudança interior das mais profundas atitudes e sentimentos de uma pessoa não pode ser efetuada pelas funções muito limitadas do ego. É preciso, evidentemente, estar identificado com um aspecto mais profundo, mais amplo e mais eficaz do eu para acreditar na possibilidade da mudança. Como disse em outra ocasião e em outro contexto, essa mudança é efetuada pelo ego que se compromete em querer a mudança, que confia nos processos do eu espiritual involuntário para ocasioná-la. Se não existir identificação com o eu espiritual, é óbvio que essa confiança, essa expectativa positiva, sem pressão, não podem existir. E se elas não existem, a pessoa não pode nem querer a mudança, pois a certeza do fracasso provaria a impotência do ego, de uma maneira muito desagradável. Assim, para o ego limitado é preferível dizer “não quero”, em vez de dizer “não posso”.

No plano superficial, existe a situação exatamente oposta: o “não quero” é negado com um “não posso”. No plano mais profundo e mais sutil, o que acontece é o contrário, simplesmente porque o ego não quer admitir suas limitações, e no entanto o eu ainda não encontrou o meio de identificar-se com o espírito.

A identificação, como tudo o mais, pode existir de uma maneira muito positiva e construtiva, e pode existir de uma maneira muito negativa, obstrutiva e destrutiva. A diferença entre elas não é determinada pelo fato de vocês se identificarem com um dos diversos aspectos da personalidade, como se um fosse bom, o outro mau. Qualquer identificação com qualquer aspecto de vocês pode ser desejável, saudável e proveitosa, ou o contrário. Vamos examinar isso.

Vocês podem pensar, por exemplo: como poderia ser destrutivo identificar-se com o eu superior? Ou, inversamente, como poderia ser desejável identificar-se com o eu inferior? Afirmo que as duas coisas podem ser verdadeiras.

Se vocês se identificam com o eu superior, com o espírito, sem estarem realmente conscientes do eu inferior, do eu máscara, das defesas, dos disfarces desonestos e da intencionalidade negativa, a identificação com o eu superior passa a ser uma fuga, uma ilusão. Não é absolutamente autêntica. Tampouco é uma experiência real, nessas circunstâncias. É como falar da boca para fora, acreditar mentalmente em uma filosofia. Tudo bem vocês saberem que são uma manifestação divina, que têm um poder potencialmente ilimitado à sua disposição – poder de mudar a si mesmos e a sua vida, que vocês são o espírito do universo manifesto. Isso é verdade. No entanto, é uma meia-verdade quando essa espécie de identificação deixa de lado a parte que precisa ser esmiuçada e examinada com franqueza por vocês.

Da mesma forma, a identificação com o eu inferior pode ser desejável ou indesejável. Talvez a melhor maneira de expressar esse conceito seja esta: vocês se identificarem com o eu inferior (ou a

máscara), é uma coisa; se vocês o identificarem é outra. Quando vocês se identificam com o eu inferior, vocês acreditam que ele corresponda à totalidade do seu ser. Quando vocês identificam o eu inferior, vocês o observam, o admitem, o atacam, mas não acreditam que ele corresponda à totalidade do seu ser. Se fosse assim, vocês não poderiam identificá-lo, observá-lo, avaliá-lo, analisá-lo e transformá-lo. Pois a parte que faz toda essa observação certamente tem mais controle, mais poder, é mais ativa e real que a parte que é observada, avaliada, modificada, etc. No momento em que vocês identificam algo – bom, mau ou indiferente – o identificador é mais que aquilo que é identificado. O observador é mais real e tem mais controle do que aquilo que é observado.

Essa é a enorme diferença entre identificar algo e identificar-se com algo. Quando a máscara e o eu inferior, a intencionalidade negativa, os jogos desonestos estão sendo identificados, a pessoa pode ter sentimentos reais e vivenciá-los honestamente. A dor já não precisa ser negada. Isso ocorre porque a energia que deixa de ser usada para negar o que existe traz à tona o que existe. E quando vocês conseguem realmente sentir os seus sentimentos, vocês conseguem identificar-se com o eu espiritual. O eu inferior deve ser identificado e devemos nos identificar com o eu espiritual. O ego faz a identificação, mas renuncia voluntariamente a si mesmo, para ser integrado ao eu espiritual.

Ao renunciar à intencionalidade negativa, a pessoa já percebe a si mesma como alguma coisa mais que esse eu inferior, que deve ser dissolvido. Ou seja, as energias dele são dissolvidas na forma atual e transformadas, alteradas, canalizadas de uma maneira nova e melhor. Mas quando existe a recusa sem sentido em renunciar à vontade negativa, isso ocorre porque a pessoa está completa e totalmente identificada com esse aspecto do eu. Isso acontece independentemente dos aspectos desenvolvidos do eu, aos quais esse fato pode absolutamente não se aplicar. Em outras palavras, não é um estado uniforme. Não é verdade que a pessoa esteja inteiramente identificada com o eu inferior ou que tenha deixado totalmente de se identificar com ele. Invariavelmente, é uma combinação. Alguns aspectos do eu estão livres, e neles pode ser percebida uma profunda identificação espiritual. Ao mesmo tempo, os aspectos até então não identificados do eu inferior, os sentimentos até então não sentidos criam, em parte, uma submersão medrosa no eu inferior, que o eu acredita ser sua única realidade. E também ao mesmo tempo pode existir uma terceira identificação com o ego, como a única função válida e confiável. É assim que as pessoas são divididas – também com respeito à identificação.

Quando existe uma identificação secreta, embora parcial, com o eu inferior, a renúncia parece a autoaniquilação. Para a parte do eu que é destrutiva, cruel, odienta, despeitada, etc., isso parece ser o eu real. O outro parece irreal – talvez até uma impostura. Isso parece ser verdadeiro principalmente quando um verniz de impostura é efetivamente usado para encobrir a realidade do eu inferior. Renunciar ao ódio, ao despeito, às intenções negativas parece ser uma renúncia ao verdadeiro ser da pessoa. Ela não pode correr o risco dessa aparente autoaniquilação, mesmo com o aceno da promessa de alegria e satisfação em decorrência desse sacrifício. Na melhor das hipóteses essa alegria, se existir, parece existir para uma pessoa que não o eu que você conhece. Qual a vantagem da alegria, da satisfação, do prazer, do respeito próprio, da abundância, se eles se destinam a alguém que não você?! Esse é o sentimento, o clima não verbalizado.

Essa é a parte mais difícil de superar. Ou talvez eu deva fazer uma correção: essa é a segunda parte mais difícil. A primeira é assumir o compromisso inicial de descobrir a verdade sobre si mesmo. Isso abrange observar mentalmente e admitir os verdadeiros pensamentos e sentimentos, viver

todos os sentimentos, assumi-los em todos os níveis. A segunda é: como se desembaraçar da identificação com o eu inferior?

Quando o eu vê a si mesmo como real apenas no eu inferior (seja em que grau for), ele não pode renunciar a si mesmo. A recusa em fazê-lo é a vontade mal dirigida de viver. Vocês vivem na ilusão de que, além dos seus aspectos mais negativos, nada mais existe – de vocês, bem entendido. Vocês só se sentem reais e energizados quando a negatividade e a destrutividade se manifestam, por mais que o ambiente as restrinja e os force a experimentar essa energia unicamente em seu próprio interior. O embotamento, o amortecimento externo parecem ser o resultado de ter “renunciado” ao mal. Mas não houve renúncia alguma. Nem vocês precisam fazê-lo. Essa mesma energia será redirecionada e não precisará mais ser negada.

Meus amigos, vamos absorver isso: a sua resistência em renunciar àquilo que mais detestam em si mesmos, o que vocês sabem ser mais odioso, é devida a uma falsa identificação.

A essa altura, muitos de vocês ficam perplexos consigo mesmo. Não entendem por que não querem arredar pé dessa posição interna extremamente desconfortável e indesejável. Vocês sabem que lá fora os espera um mundo lindo. E se negam esse fato, também isso é um meio de justificar sua posição: se afinal ele não existir, se afinal ele for sombrio, então não existe nada tão estranho na situação de vocês. Assim, muitas vezes vocês se forçam a acreditar em um universo terrível, sem sentido. Ou, se não for assim, a sua crença num universo bom e bonito não é usada para influir sobre a intencionalidade negativa.

A maneira como estão presos e paralisados nessa posição de resistência em abrir mão da intencionalidade negativa não é apenas obstinada e malévola. Isso seria bobagem. Mas a obstinação e o rancor endurecem a sua posição, de modo que o medo da aniquilação, em virtude de renunciar ao eu inferior, torna-se mais forte, e tem início uma autopropetuação negativa. Então, vocês vivem nesse mundo pequeno, fechado em si mesmo, no qual parece que o pior de vocês é a sua realidade.

Como encontrar a saída? A primeira coisa seria perguntar a si mesmos: isso é realmente tudo o que vocês são? É verdade que a sua realidade deixa de existir quando renunciam à intenção e à vontade negativas? Isso é tudo o que você é? O simples fato de formularem essas perguntas honestamente já vai abrir uma porta. Mesmo antes de virem respostas – e depois jorrarem em profusão – o fato de essas perguntas serem feitas permitirá que vocês cheguem à segunda etapa dessa progressão. Nessa etapa, vocês percebem que aquele que faz as perguntas está além daquele que supõem ser vocês mesmos. Assim, vocês já constroem uma nova ponte. Daí por diante, não será tão difícil descobrir uma voz interior que responde de uma nova maneira, que está além do alcance limitado do eu inferior, que vocês costumavam proteger tão ciosamente.

Procurem fazer perguntas tentativas – perguntas feitas com boa vontade e em boa fé. Esse é o primeiríssimo passo para encontrar a saída da prisão e do sofrimento desnecessário. Agindo assim, vocês deixarão de se identificar com o eu inferior que não conhece nada além dessas paredes fechadas, que extrai sua identidade, ou sua realidade, do fato de ser negativo. Em vez disso, vocês chegarão a ponto de poderem identificá-lo e se transformar no observador. O observador, então, passará a ser um primeiro prolongamento da experiência do eu conhecido.

Vamos supor, por exemplo, que vocês tenham se acostumado a ver a si mesmos como altivos, frios e superiores. Renunciar a essa atitude parece ser a morte, mas a morte no quê? No seu verdadeiro eu, onde estão os seus sentimentos reais, e portanto o seu eu real. Se estiverem dispostos a sentir seus sentimentos, independentemente da característica deles, vocês saberão quem são. Se não estiverem dispostos, continuarão sendo aquele “eu” endurecido, rígido, limitado. A escolha é de vocês.

Não se pode prometer que quando renunciarem à intencionalidade negativa, imediatamente experimentarão a bem-aventurança universal – ou mesmo a bem-aventurança terrena. Vocês vão sentir seus sentimentos verdadeiros, alguns deles bem dolorosos. Mas a dor será muito mais fácil de suportar do que a posição que vocês mantêm. E, com sua natureza fluente, ela os levará para estados novos e melhores, como o próprio rio da vida.

O compromisso precisa ser sempre com o eu – aquilo que realmente sente, pensa e é. Se o compromisso com o eu for a meta, vocês não perceberão nada além de si mesmos. Experimentarão novas profundezas e amplitudes de sentimentos. Vão até acolher bem a dor, pois ela é real e fluente. Ela está em movimento e é totalmente vocês mesmos.

As primeiras respostas que vão obter para suas perguntas podem até não vir ainda do eu profundo, espiritual. Talvez não tenham revelações mágicas, visões, inspirações místicas. As primeiras respostas podem vir da mente consciente. A sua capacidade de formularem novas possibilidades e respostas, de usarem o conhecimento da verdade que já está integrado a sua consciência, dará uma sensação de segurança e grande realidade. Ao mesmo tempo, vocês terão uma nova chave para usar o equipamento de que dispõem de um modo diferente do velho hábito.

Esses pensamentos podem levar em conta que experimentar uma intencionalidade positiva poderia ser interessante e desejável para vocês. Poderiam tentar primeiro a formação de novos pensamentos, a avaliação de novas possibilidades e alternativas com relação à maneira de usar o raciocínio. Essa é uma atividade empolgante e que, a princípio, não os obriga a seguirem nenhum rumo determinado. Significa simplesmente proporcionar uma abertura a uma mentalidade muito sedimentada. Vocês sempre podem exercer o direito de voltar para onde estavam; não sofrem nenhuma coerção, da vida, nem de ninguém. A escolha é sempre de vocês. Esse conhecimento tornará menos definitivo o aparente “risco” de experimentar uma nova direção de pensamento. Basta que investiguem qual é a sensação de colocar em movimento uma intencionalidade positiva. Ao se aproveitarem dessa nova liberdade, vocês eliminam mais um obstáculo para a maior expansão do eu. Pouco a pouco, vocês se acalmam, ouvem o seu íntimo e percebem a voz constante, sempre presente da verdade e de Deus. Ela vai aumentar de intensidade e frequência, até vocês perceberem que são tudo que existe. Não há nada que vocês não sejam, meus amigos. Talvez isso pareça muito distante, mas não está tão distante de vocês como pode dar a impressão agora.

Vocês podem tentar, algum de vocês aqui, depois da palestra, dar esse passo? Talvez possam meditar juntos, como fizeram anteriormente, e ajudarem-se mutuamente. Talvez vários consigam dar esse passo até certo ponto. Esse passo precisa ser repetido muitas vezes, como o compromisso inicial de encontrar a verdade dentro de vocês. Mas cada pequeno passo libera mais energia e facilita os passos sucessivos. Vou dar força agora aos que solicitarem e assumirem o compromisso para o qual precisam de ajuda. Depois vocês, todos, podem gerar uma enorme energia espiritual, por meio da meditação e do compromisso. Quem se apresentar para dar o primeiro passo que expliquei, quando

a palestra terminar, não estará apenas ajudando a si mesmo, mas também a outros que se encontram na mesma conjuntura difícil. Os que assumirem o compromisso e pedirem a força também darão esse passo. Isso também ajudará a todos que tiverem de fato a mente e os sentidos abertos – ou que pelo menos queiram que essa abertura aconteça gradualmente.

Aquele que se fizer disponível para novas possibilidades em termos de conceitos, percepção e atitude interior experimentará a riqueza do universo, a riqueza do seu ser mais íntimo. Daí nascerá uma nova ação, bem como uma nova experiência exterior. Quem fica preso a suas velhas possibilidades unicamente, fica em uma situação insatisfatória, por mais desenvolvido que seja, talvez, em relação aos outros. Não é possível ficar parado. Quem fica parado limita a si mesmo. É somente quando se expandem cada vez mais que podem verdadeiramente tornar-se vocês mesmos.

Uma bela força dourada procura encontrar o caminho através das nuvens. As nuvens se dispersam mais e mais. Na medida em que vocês dão o passo na simples direção de quererem, assim as nuvens vão ficando rarefeitas. Quando vocês se escondem por trás da negação e da dúvida, que são as defesas mais fortes contra sair da toca, o dourado do sol e da força não podem passar. Mas estão lá. Não acreditem que precisam transformar-se numa pessoa diferente. Vocês se transformarão no melhor do que já são. Quando se tornarem, vão reconhecer, vão perceber a familiaridade, e vão sentir o quanto é seguro, o quanto aquilo é vocês! É o melhor de vocês. Vocês não traem a sua realidade, não se transformam em algo de que teriam de se envergonhar. Procurem acreditar nisso. Vocês que estão aqui, se soltem um pouco. Deixem a luz entrar em vocês, e aceitem a noção de que a realidade não é nem um pouco sombria. A realidade é verdadeiramente bela. O universo está repleto de amor. A verdade é o amor, o amor é a verdade. A liberdade do seu próprio espírito será encontrada na verdade e no amor. Sejam abençoados, todos vocês!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.